

A contagem continua: ESTOQUES



O clímax da fantasia: mokahala no ar. Meknes, Morocco.

Em 2004, a proliferação das armas pequenas continuou a afetar países em todo o mundo. Para os Estados Unidos e seus aliados no Afeganistão e no Iraque, o fácil acesso às armas de fogo, explosivos e mísseis para civis e insurgentes, representa um forte obstáculo para a segurança humana e para a estabilidade política. Diversos países grandes, como Austrália, Brasil, Canadá e China, deram continuidade aos seus processos de reforma da legislação nacional, para reduzir a violência armada. Em outros lugares, onde a questão recebe menos atenção pública, a sociedade civil e os governos estão procurando iniciar agendas similares.

Esse capítulo foca no papel de processos de desarmamento das armas pequenas, no gerenciamento do inventário global de armas. Ele também examina a escala dos inventários militares, policiais e civis em duas regiões, que estão apenas começando a lidar com essas questões, o Nordeste Asiático e o Oriente Médio.

O apoio internacional ao desarmamento foi o aspecto mais proeminente do gerenciamento do inventário das armas pequenas em 2004. Iniciativas com muita visibilidade ocorreram em lugares como o Afeganistão, o Iraque e a Libéria. Os desafios do desarmamento no Iraque revelaram, porém, numerosos problemas, na medida em que as autoridades da Coalizão foram gradualmente aprendendo a melhor forma de lidar com estas questões, e também descobrindo os limites do que é possível conseguir, em termos de resultados. Esforços considerados politicamente sensíveis começaram a aparecer na Colômbia, Haiti, Costa do Marfim e Nigéria, e propostas de desarmamento tiveram um papel importante na resolução de conflitos na Índia, no Líbano, na Palestina, na Espanha, e no Sudão, entre outros países. Outras iniciativas nacionais, enfatizando a redução da violência armada, tiveram menos destaque no âmbito internacional, mas têm grande potencial para surtir efeitos à longo prazo. A crescente importância de iniciativas como estas demonstra a visibilidade da questão, e a determinação de uma comunidade em crescimento que pretende avançar na agenda de gerenciamento de armas pequenas.

Dentre os projetos de gerenciamento de estocagem militar que obtiveram maior sucesso, estão os apoiados pelos membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Os objetivos de tais projetos eram eliminar o excesso de armas pequenas em circulação. Destruições unilaterais de armas continuam no Oeste e Leste europeus, na região dos Balcãs. A assistência da OTAN contribui para facilitar a destruição de centenas de milhares de armas excedentes, assegurando que estas não sejam exportadas para regiões de instabilidade ou entrem no mercado ilegal. Planos para destruir 1 milhão e meio de armas pequenas na Ucrânia constituem o projeto mais ambicioso nessa matéria até agora.

Domestic disarmament was led by Brazil, which eliminated more than 300,000 firearms voluntarily surrendered by private owners by March 2005.



Soldados da Guarda Nacional iraquiana dirigem um caminhão carregado com armas recolhidas na cidade de Sadr, Bagdá, em outubro de 2004.

Já o desarmamento nacional é liderado pelo Brasil, que até março de 2005, tinha eliminado mais de 300 mil armas que foram entregues voluntariamente por civis. Programas nacionais em escala menor também aconteceram na Austrália, África do Sul, e outros países. A exceção mais importante nessa tendência aparente são os Estados Unidos, onde os controles de armas para civis, contidos nas leis estatais e federais em vigor, foram relaxados. O mais visível desses relaxamentos foi a revogação de uma lei vigente durante dez anos, que restringia a venda do fuzil de assalto.

Para que haja progressos no gerenciamento de estoques de armas pequenas, é necessário ter uma noção, cada vez mais precisa, sobre aonde essas armas estão, quem as tem, e quais são as armas que trazem um maior perigo. Desde o começo da diplomacia sobre essa questão, nos anos 90, algumas regiões se mantiveram distantes do esforço para entender os problemas locais, derivados das armas pequenas. Este capítulo dá atenção especial para duas destas regiões: o Nordeste Asiático e o Oriente Médio.

O Japão é o único país situado no Nordeste Asiático que disponibiliza dados sobre o seu inventário de

armas de fogo, tanto civil como policial. Fora isso, pouco se sabe sobre a escala da posse de armas pequenas na região. Tendências só podem ser deduzidas e estimadas. Estimativas conservadoras apontam para a conclusão que no Nordeste Asiático, contando arsenais policiais e militares, existe no mínimo a quantia de 22 a 42 milhões de armas de fogo. A escala da posse de armas por civis, na maior parte da região, se mantém obscura. De acordo com as autoridades chinesas, mais de 4 milhões de armas de fogo foram apreendidas desde 1996, dando a entender que esse total pudesse ser ainda maior do que é freqüentemente estimado.

A região do Oriente Médio é extremamente diversa: existem países onde a posse de armas não é comum, como o Marrocos – examinado em detalhes neste capítulo – e outros países onde a posse de armas pode estar entre as maiores do mundo.

Estima-se que a população do Oriente Médio detém um total de 45 a 90 milhões de armas de fogo. Representantes de vários governos têm expressado a sua preocupação de que a violência armada está se tornando a maior ameaça para a segurança pública, e uma fonte significativa de instabilidade regional. Parece provável que a posse de armas no Oriente Médio venha crescendo, alimentada por forças demográficas e econômicas.



Polícia exibe armas apreendidas de comerciantes ilegais em Chengdu, China, janeiro 2005.

Estima-se que a população do Oriente Médio detém um total de 45 a 90 milhões de armas de fogo.